

**ARTIGO ORIGINAL**

**A INFLUÊNCIA DOS CARAMURUS E PEROÁS NA IDENTIDADE CAPIXABA**

**Lorena Barcellos Zanon**<sup>1</sup>

Faculdade Estácio de Sá de Vitória, Vitória/ES- Brasil

**Roberto Teixeira**<sup>2</sup>

Faculdade Estácio de Sá de Vitória, Vitória/ES- Brasil

**Lúcio Cesar Loyola**<sup>3</sup>

Faculdade Estácio de Sá de Vitória, Vitória/ES- Brasil

**RESUMO – A Influência dos Caramurus e Peroás na Identidade Capixaba.** Este presente artigo busca resgatar a importância da folkcomunicação, tendo em vista a história dos Caramurus e Peroás, onde uma briga dividiu a cidade de Vila Nova da Vitória, atual capital do Espírito Santo, município de Vitória, no ano de 1832. É relatado de que forma a tradição da procissão a São Benedito incorporava o santo nas manifestações folclóricas da época e analisa a importância das procissões religiosas no século XIX para a sociedade e para os negros escravos. Analisamos que nesse século, a folkcomunicação era uma forma de transmitir os costumes inseridos no folclore para a sociedade na maneira de propagar uma história inserida na cultura capixaba. O resultado é a constatação de que os Caramurus e Peroás fazem parte da história da identidade cultural capixaba.

**Palavras-chave:** Caramurus e Peroás; Folkcomunicação; Devoção; Identidade.

**ABSTRACT – The Influence of caramurus Peroás and Identity in Espírito Santo.** This present article seeks to recover the importance of folk communication, given the history of caramurus and Peroás where a fight divided the city of Vila Nova da Vitória, capital of Espírito Santo Current, municipality of Vitoria in 1832.'s Reported to how the tradition of the procession to St. Benedict embodied in the holy season of folklore and analyzes the importance of religious processions in the nineteenth century to society and to the black slaves. We analyze that in this century, folk communication was a way to pass the customs inserted in folklore to society in the way of spreading a story inserted in capixaba culture. The result is the finding that caramurus Peroás and are part of history capixaba cultural identity.

**Keywords:** caramurus and Peroás; folk communication; devotion; Identity.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Publicidade e Propaganda/Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Vitória (ES).

<sup>2</sup> Professor do Curso de Publicidade e Propaganda/Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Vitória (ES).

<sup>3</sup> Coordenador do Curso de Publicidade e Propaganda/Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Vitória (ES).

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo visa compreender a folkcomunicação como uma ligação entre folclore e comunicação popular, utilizada no século XIX para transmitir conhecimentos e examinar a devoção como contribuinte da formação da identidade capixaba. O artigo também mostra o folclore capixaba com o intuito de valorizar as tradições populares capixabas.

A intenção é resgatar a história dos Caramurus e Peroás, do século XIX, que aconteceu no ano de 1832. Ele mostra a importância de lembrar fatos que marcaram um período de nossa história, dividindo católicos, negros e brancos com uma briga, na cidade de Vila Nova da Vitória, atual capital do Espírito Santo, município de Vitória. Relata também de que forma a tradição (reconhecida como fato folclórico) da procissão a São Benedito incorporavam o santo nas manifestações folclóricas da época analisando a importância das procissões religiosas no século XIX.

## 2 FOLKCOMUNICAÇÃO

Beltrão (1980) foi pioneiro sobre os estudos de Folkcomunicação no Brasil, trazendo o termo em sua tese de doutorado em 1967, na Universidade de Brasília. Pensamos nele como referencial teórico desta pesquisa, porque seu estudo compreende uma conexão entre folclore e comunicação popular. E nosso tema se enquadra como uma manifestação folclórica em torno da devoção de um santo.

A folkcomunicação é o estudo da comunicação popular, onde não se utiliza os meios formais, mas sim a comunicação através do folclore:

Folkcomunicação é o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social. (BELTRÃO, 2001, p. 73)

A investigação de Beltrão (2001) resultou no entendimento de que o Brasil contém um alto nível de analfabetos e uma má distribuição de renda, e isto acentua o desentendimento dessa parcela da sociedade em compreender a mensagem emitida na linguagem utilizada nos meios de comunicação de massa. Devido a isso, faz-se necessário que estas pessoas analisadas por ele como marginalizadas<sup>4</sup>, utilizam um sistema de comunicação que tem por base o folclore.

Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. (BELTRÃO, 2001, p. 79)

E para que esta forma de comunicação alcance a massa, é necessário que exista um agente-comunicador, o qual codifica a mensagem para que ela chegue aos ouvidos da sociedade e seja compreendida.

Dessa forma, ligamos este entendimento com tema de nosso trabalho, que aconteceu por volta do século XIX, época também que os negros foram trazidos ao Brasil para trabalhar como escravos. E no contexto de nosso trabalho, se faz importante citar os negros, pois nessa época eles eram maioria no município de Vitória, Espírito Santo, que neste século, a cidade era chamada de Vila Nova da Vitória.

Juntando o fato de os negros serem maioria e escravizados, vemos neles a interpretação de agentes-comunicadores da época. Para remediar o sofrimento, estes negros escravos preservavam sua cultura desprezada pelos senhores em devoção aos santos, porque dessa forma podiam demonstrar suas crenças. Beltrão (2001) ressalta que era um momento de conservar a cultura absorvida de antepassados e conservada na forma oral de comunicação:

Naturalmente essas formas de expressão se firmavam em costumes e práticas vindas de antepassados longínquos no tempo e no espaço. Conservadas pela tradição oral e pelo admirável instinto de preservação das raças oprimidas ou desprezadas. (BELTRÃO, 2001, p. 77)

---

<sup>4</sup> Marginalizado segundo artigo de Robert Park, citado no livro de Beltrão (1980), se refere a migrantes, que por possuírem uma cultura híbrida, recebem esta nomenclatura e jamais serão aceitos pela sociedade devido ao preconceito racial.

Diante disso, nosso referencial teórico traduz no termo folkcomunicação a maneira que os costumes inseridos no folclore eram transmitidos para a sociedade, e que em nosso artigo, nos baseamos neste termo para ligar a discussão do tema de cunho histórico com a comunicação.

### **3 ESPÍRITO SANTO PROVÍNCIA**

Palco da grande briga entre os “Caramurus e Peroás”, Vila de Vitória, hoje município de Vitória-ES, somava uma população de menos de 700 habitantes, em sua maioria negra, escravos, forros e indígenas. As irmandades religiosas, ao qual pertenciam os Caramurus e Peroás, era a forma que os negros tinham participação aceita pela sociedade como instrumento de enfrentamento de sofrimento e injustiças. Era principalmente um momento de deixá-los fazer suas festas, e assim não se revoltarem contra seus senhores.

O ano de 1563 foi de crescimento na capitania, devido a boa direção de Vasco Coutinho Filho, que assumiu o comando do senhorio em substituição ao fundador Vasco Fernandes Coutinho. E para dar conta destes novos investimentos, foram trazidos escravos da África para trabalhar nos engenhos de açúcar e nas plantações.

A condição desumana de escravo não conseguiu impedir que os africanos implantassem nos territórios Tupis, nos domínios dos Portugueses, suas práticas culturais, seja através das concessões dos senhores, do sincretismo ou de seus cultos secretos. (BONICENHA, 2004, p. 36)

Quando o Espírito Santo era província, as festas da Igreja serviam de refrigério contra a escravidão. E tudo era organizado pelas irmandades de São Benedito, com sede na capela da Ordem Terceira de São Francisco e pela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

#### **4 IDENTIDADE CULTURAL CAPIXABA**

Vimos no capítulo acima como uma rixa dividiu a cidade de Vitória. Mas também observamos o quanto era vívida a devoção a São Benedito. Hoje já não encontramos festas pomposas, mas a tradição se conserva. Segundo entrevista com Neuce Pizzani, provedora da Igreja do Rosário, lá ainda acontece a procissão todo o ano, ela é quem organiza, e faz questão de cuidar do patrimônio histórico em que se tornou a Igreja.

Compreendendo a briga como um acontecimento capixaba, e que nela o comportamento da sociedade do século XIX era baseado na devoção e nas procissões, logo buscamos Ribeiro (2002), para falar de cultura onde ele diz que:

[...] cultura é o conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, culinária, formas de viver e de pensar, dentre outros, que caracterizam um grupo social. (RIBEIRO, 2002, p. 35)

Esta cultura capixaba é revista para se firmar um ponto de vista acerca da sociedade atual massificada pelos meios de comunicação, onde ela precisa ser revista para se tentar alcançar uma identidade.

Mesmo reconhecendo identidade como um conceito complexo, como diria Hall (2003), onde estamos em um momento de fragmentação e deslocamento de nossas características, praticamente em construção ideológica, temos que considerar que um conjunto de circunstâncias e características nos individualiza em relação aos outros, e é neste ponto que trazemos nosso tema como um resgate de nossa cultura, o que pode sim ter influência na formação de nossa identidade capixaba. Porque capixaba não é somente o que nasce no Espírito Santo, ele precisa ter características que o remete ao seu local de origem.

#### **5 FOLCLORE**

O folclore inclui os saberes do povo para ser constituído, e que esses conhecimentos podem ser passados de geração a geração. Este foi o caso da história dos Caramurus e Peroás, que aconteceu no século XIX. E Cascudo (2002) ressalta em sua obra que se faz importante o estudo da cultura popular por meio da oralidade, justamente por muitas das vezes não existir nenhum documento escrito que comprove o intercurso entre os povos, às vezes os mais distantes. Neves define folclore como:

[...] um vasto campo de saberes e práticas: crendices e superstições; usos e costumes; artesanato e culinária; músicas e canções; brincadeiras, adivinhações e jogos infantis; lendas e contos; festas e celebrações; danças e folguedos. (NEVES, 2009, p. 5)

Boa parte do folclore está ligada ao divertimento popular, à alegria e às festas. Estas festas de que falamos são quase sempre eventos de devoção aos santos. E o folclore capixaba tem forte influência da origem portuguesa, que colonizou o Espírito Santo. Para afirmar esta ideia, buscamos Bittencourt (2002), onde diz que:

[...] nossa cultura popular, evidentemente, está fortemente vincada pelas etnias que nos conformaram ao longo do processo de formação histórica do Espírito Santo. (BITTENCOURT, 2002, p. 141)

Voltando ao assunto das festas religiosas, onde festa está vinculada ao folclore como afirmou Neves (2011), e vimos, também, a ligação dos escravos com este assunto, onde para aliviar o sofrimento do trabalho desumano, eles aproveitavam as festas para canalizar as formas de expressão da cultura africana. Dessa forma, o folclore se tornou principal instrumento de comunicação entre negro e branco.

Dos negros africanos, o folclore capixaba recebeu importante contribuição nos batuques dos tambores, nos jongos e caxambus, na música e no ritmo das bandas de congo, nos rituais religiosos dos cultos sagrados, na culinária doméstica, nas crendices e superstições, na fala do povo. (NEVES, 2011, p. 6)

A história dos Caramurus e Peroás têm influência em nossa identidade, ligando o homem ao passado e identificando-o com os demais de seu grupo social. Neves

(2008, p. 93) expõe que o folclore fixa o homem a terra. “As coisas do seu berço, os costumes do seu meio, as festas populares de seu grupo fixam aí o homem, com raízes fundas e inarredáveis (...)”. E com isso, os elos se interligam do ontem ao hoje.

Ainda segundo Neves (2008), com o passar dos anos, a Igreja precisou tomar sua posição a respeito das festas. Não se vetou mais a manifestação popular, e como prova disto, o papa Pio XII é roteiro para a Igreja frente ao folclore. Em discurso pronunciado em Roma, no dia 19 de julho de 1953, perante as delegações participantes do Festival Internacional de Folclore, saudou aos grupos folclóricos que foram ao Vaticano:

Graças à atividade dos grupos folclóricos, mantêm-se ou revivem preciosos costumes. Por isso, é nosso dever louvar aqueles que com competência e dedicação, se prestam a auxiliá-los, a dirigir-lhes o esforço, a estimular-lhes as iniciativas, e todos aqueles que lhes oferecem diretamente a sua colaboração. (NEVES, 2008, p. 88)

É de imenso valor saber que a Igreja católica incorpora para seu uso fatos folclóricos, principalmente porque a escolha do tema deste trabalho se dirige a um acontecimento frente à Igreja. O resgate histórico narrado reforça ainda mais a importância do reconhecimento das festas e procissões dentro do folclore, que continuam a acontecer atualmente.

Para reconhecer os estudos antropológicos e culturais, a *Carta do Folclore Brasileiro*<sup>5</sup> inseriu o folclore em seus estudos, pois na realidade, seu estudo inclui a pesquisa do homem, não como um todo, mas em alguns aspectos da existência humana. Para Almeida (1976), o folclore interpreta a cultura folk, e por isso, seu estudo se faz importante enquanto disciplina. A Carta do Folclore aprovada em 1951 dizia o seguinte:

[...] reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e

---

<sup>5</sup> A *Carta do Folclore Brasileiro* foi um acerto que passou a considerar o folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais. Esta carta foi aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, em 1951.

aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual. Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica. São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular. Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturalistas no exame e análise do Folclore. (ALMEIDA, 1976, p. 7)

Frente a isto, a Carta recusou o preconceito de tradicional. Como diz Almeida (1976), o tradicional é o estilo do folclore, não reconhecido como coisa do passado, mas algo que é transmitido vivo e conservado. Para que um fato seja tradicional “não é necessário que ele venha do passado, pode ser uma inovação introduzida pela difusão ou criado dentro da própria cultura” (DIAS, 1976 apud ALMEIDA 1976, p. 9).

Dentro do folclore temos muito forte a literatura oral, que reúne tradições e práticas populares que são transmitidas oralmente, de geração em geração. “O folclore tem na literatura oral a fonte de sua persistência e transmissão” (NEVES, 2011, p. 43).

## **6 CARAMURUS E PEROÁS**

Grande marco na história de nossa cultura capixaba e que dividiu a Vila da Vitória, localizada na província do Espírito Santo, trazemos a briga dos Caramurus e Peroás, como objeto de estudo para entender o processo de folkcomunicação existente nesta época. Tudo iniciou no dia 27 de dezembro de 1832, quando deveria sair do convento de São Francisco a procissão de São Benedito. Mas chovia muito, e o então guardião do convento, frei Manoel de Santa Úrsula não permitiu a saída do santo.

E neste dia de sábado, tão aclamado pela Irmandade de São Benedito e devotos do santo, não aconteceu a tão esperada procissão, segundo narra o livro de Dessaune (2004). Chovia muito, e o frei não autorizou a saída do santo no andor. Todos os devotos insistiram, acreditando que quando o santo saísse em procissão, a chuva cessaria. Houve alvoroço, mas de nada adiantou tais protestos. Ocorreu a missa de domingo e logo após, o frei foi visitar seu pai, em Santo Antônio.

Mas a irmandade de São Benedito não aceitou tal decisão do frei e decidiu que fariam a procissão sem a presença do frei. Mas o escravo Bento foi onde o frei se encontrava na casa dos pais e lhe contou do acontecido. Então, mais que depressa, frei Manoel voltou e pôs para fora todos os pertences da irmandade, como narra Novaes (s/d):

Mas reconhecendo o extraordinário fanatismo por São Benedito e prevendo, por isso, qualquer violência da Irmandade, o Guardião retirou a imagem da capela e guardou-a na Saleta de Recebimento, onde permaneceu, até o ano seguinte, quando a rivalidade chegou ao epígolo. (Novaes, s/d, p. 173)

Mas no ano seguinte, 1833, frei Antônio de São Joaquim, que substituiu Manoel de Santa Úrsula, voltou a imagem do santo para o altar sem saber de todo alvoroço acontecido no ano anterior. Mas antes mesmo da missa começar, enquanto o frei fazia suas orações, e os outros membros estavam ocupados, três indivíduos entraram no convento de São Francisco e roubaram a imagem de São Benedito. Segundo Dessaune (2004), a imagem foi levada para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde estão os irmãos da irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos, em maior número que os irmãos da irmandade de São Benedito, aqueles mesmos que tinham sido expulsos do convento de São Francisco.

[...] aproveitando a ocasião em que a igreja se achava aberta para a missa conventual da Ordem Terceira de São Francisco, que se celebrava às oito horas, havendo já tocado o primeiro sinal, quando a rua se achava deserta como é de costume, (...) é quando Domingos do Rosário e os libertos Antônio Mota, africano, e Elias de Abreu, crioulo, (...) entrando na igreja sem serem pressentidos, tiraram a imagem do altar e, com apressados passos, desceram a ladeira, trazendo a imagem do santo às costas o mesmo Antônio Mota, guardado pelos dois companheiros; (...) ao chegarem à ponte que ali existe, repicaram os sinos da capela de Nossa Senhora do Rosário em sinal de alegria [...]. (DAEMON, 1879 apud ELTON, 1988, p. 17-18)

Após este ocorrido, a devoção a São Benedito passou a ter duas irmandades: uma do convento de São Francisco (Caramurus) e outra na Igreja do Rosário (Peroás). Segundo Dessaune (2004), a irmandade da Igreja do Rosário também adotou uma opa, com um mantelete, mas de cor azul, enquanto o mantelete dos primitivos (Caramurus) continuou o mesmo, verde.

Relatar as desordens que por muito tempo houveram por esta causa, os ataques e provocações havidas de outro lado a ponto de haverem muitos ferimentos, como se fossem na ladeira de Pernambuco, na rua dos Quadros, largo da Conceição, porto dos Padres e outros lugares, seria encher páginas, porque não foram poucas as desordens nem de pouco alcance os ferimentos, visto os irmãos chegarem a formar dois grupos distintos e com bandeiras à frente irem contender uns aos outros [...]. (DAEMON apud DESSAUNE, 2004, p. 16)

Segundo Dessaune (2004), os irmãos do convento de São Francisco faziam festividades com muita riqueza, justamente para humilhar os da Igreja do Rosário, por serem mais humildes, estes, ofendidos com tais exibições de fortuna, apelidaram a irmandade do convento de Caramurus.

[...] apelidaram então os irmãos da irmandade de São Francisco, de rusguentos, pelas provocações que faziam, e como na corte havia o partido caramuru que se caracterizava justamente pelas constantes disputas e rugas políticas, os apelidaram também de caramurus. (DESSAUNE, 2004, p.17)

Mas como os devotos do convento de São Francisco desconheciam tais informações, ligaram o apelido ao peixe caramuru, achando que tinha em comum a cor do peixe com a de suas opas, que eram verdes. A irmandade se revoltou e apelidou os devotos da Igreja do Rosário de Peroás, por ser uma espécie desprezível na época, onde não eram vendidos e devolvidos ao mar. E este apelido aos irmãos do Rosário era porque suas opas tinham listras azuis.

Diante de toda discussão, a festa para São Benedito foi dividida em duas partes, de primeiro de janeiro até o dia de Corpus Christi, a vara ficava com os caramurus, do dia seguinte até o final do ano, ela pertencia aos peroás. As duas irmandades tinham bandas de músicas próprias, e os músicos vestiam roupas de cores

diferenciadas, caramurus de verde e peroás de azul. Para comprovar que o rodízio das varas entre as irmandades de fato existiu, esta foi noticiada pela imprensa em 1892, no jornal Comércio do Espírito Santo:

Terminam-se amanhã as festas dos peroás, sendo cortado ou deposto, à meia noite, o tradicional mastro erguido durante as festas de Santa Catarina. Os partidários, e principalmente os devotos mais sinceros de São Benedito, choram a queda do seu partido e entoam modinhas de despedida em redor em redor do mastro deposto, disputando uma relíquia de bandeira. Com a queda dos peroás, subirá ao poder o partido Caramuru, que promete realizar uma administração de paz, ordem e esplendor.

Até mesmo no Teatro Melpômene, em Vitória, a história dos Caramurus e Peroás fazia sucesso entre o público da época. Como a casa passava por dificuldades, o capixaba Ubaldo Rodrigues escreveu em versos, a peça “Ontem e Hoje”, que narra as rivalidades das irmandades. Ainda Dessaune (2004) completa que nem se comenta o sucesso que foi a peça de teatro em 1896.

Mas ainda segundo relatos do livro de Elton (1987), devido às grandes confusões dos Caramurus e Peroás, que faziam procissões em dias diferentes na Vila da Vitória, a 27 de março de 1905, o bispo diocesano Dom Fernando de Souza Monteiro excluiu as duas procissões: a do convento e a do Rosário, cansado de tanto assistir as rugas entre os dois partidos políticos religiosos. Gerou revolta nas duas irmandades, mas de nada adiantaram tais protestos. Era muita bagunça nas festas a São Benedito, era mais que devoção, era praticamente um ato profano, pois reunia muita bebida, fogos de artifício e brigas. E por isso o bispo não aceitava tanta desavença.

No convento de São Francisco as atividades da irmandade foi extinta. Mas na Igreja do Rosário, os irmãos continuaram suas atividades até a morte de Dom Fernando, que ocorreu a 23 de março de 1916. Dois anos após esta data, a irmandade realizou a procissão a São Benedito, que até hoje se realiza no dia 27 de dezembro, mas sem o fanatismo de antes.

Para reforçar que depois da morte de Dom Fernando, a irmandade continuou seus festejos a São Benedito, encontramos a programação da festa no jornal Diário da Manhã, de 24 de dezembro de 1922:

Haverá amanhã, às 13 horas, na Igreja do Rosário, uma reunião da Irmandade de S. Benedito, para a eleição de diretoria e demais funcionários para o próximo ano de 1923. No dia 26, às 8 horas da manhã, haverá missa cantada em louvor ao menino Jesus. No dia 27, às 10 horas, realizar-se-á solenne missa a São Benedito, com assistência pontifical. O sr. Bispo, Dom Benedito de Souza ocupará a Tribuna Sagrada. À tarde haverá procissão de São Benedito, que será acompanhada pela virgem Santa Catharina. Haverá Kermesse nas noites de 26 e 27.

A irmandade de São Benedito mantém atualmente o cemitério particular no bairro Santo Antônio, em Vitória, destinado aos associados que pagam anuidades para ter direito quando falecidos sem despesas para a família.

Como foi narrada acima, a imagem roubada de São Benedito, permanece até hoje na Igreja do Rosário, atualmente, monumento tombado pelo Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluirmos este artigo, observamos que realmente a história dos Caramurus e Peroás está esquecida ou até mesmo ainda é desconhecida por muitos capixabas. E nossa pesquisa serviu para esclarecer que a briga que se deu em 1832, pelas irmandades religiosas, não foi apenas um fato histórico, e sim religioso de cunho folclórico.

Por meio de livros de escritores capixabas, constatamos também que no século XIX, a religião no Espírito Santo ainda província era muito importante, pois nesse período, com a escravidão em curso, a cidade ainda contava com os negros para o trabalho pesado das construções e plantações, e as festas religiosas era refúgio para que estes escravos pudessem aliviar o sofrimento e injustiça que sofriam para

não se revoltarem contra seus senhores. Era o momento que eles tinham de expressar suas crenças aos santos.

Salientamos com nossa pesquisa que toda a devoção exercida pela sociedade no século XIX, foi de certa forma passada de geração em geração e com certeza por meio da oralidade, como exemplo a organizadora da procissão na Igreja do Rosário atualmente, Neuce Pizzani,

Com a ideia de que costume, festas, devoção e crença estão inseridos na cultura, e que cultura está inserida no folclore, reconhecemos por meio desta pesquisa que a história dos Caramurus e Peroás faz sim parte do folclore capixaba, e que tem influência em nossa identidade. Baseamo-nos no argumento de que com o folclore o homem se liga ao passado, ou melhor, se liga com as características de sua terra, o que o distingui dos demais. E por isso tanto vimos a influência da história na identidade, como mostramos indícios de que existe de fato uma identidade capixaba.

Comprovamos por meio de nosso referencial teórico, que no ano de 1832, a folkcomunicação era de fato a principal forma que a sociedade tinha de preservar seus costumes, porque existia uma comunicação popular que não se dava pelos meios de comunicação de massa que vemos atualmente, e sim pelos próprios agentes da história no século XIX, que eram os negros e devotos de São Benedito. A oralidade sempre se fez presente na preservação dos costumes da época.

Contudo, nossa pesquisa resgata parte da história dos Caramurus e Peroás, e propõe a necessidade da valorização e reconhecimento de uma história que tanto contribuiu para a religião, quanto para a identidade capixaba, com um olhar diferenciado que os meios de comunicação de massa tradicionais reportam na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. **Folclore**. Rio de Janeiro: MEC, 1976.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_, L. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BONICENHA, W. **Devoção e Caridade: as irmandades religiosas na cidade de Vitória**. Vitória: Multiplicidade, 2004.

CASCUDO, L. da C. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO. **Festa no Rosário**. Vitória, n. 721, 30 de dezembro, 1892.

DESSAUNE, J. **Peroás e Caramurus**. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2004.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Secção religiosa**. Vitória, 24 de dezembro, 1922.

ELTON, E. **Velhos Templos de Vitória & Outros Temas Capixabas**. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1987.

\_\_\_\_\_, E. **Tipos populares de Vitória**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES, 1985.

\_\_\_\_\_, E. **São Benedito – Sua devoção no Espírito Santo**. Departamento Estadual de Cultura/ES. Ministério da Cultura, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAZOCO, E. Cultura popular capixaba: breve perfil histórico. In: BITTENCOURT, G.; RIBEIRO, L. C. M. (Orgs). **Espírito Santo: um painel da Nossa História**. Vitória, Edit, 2002. p. 141.

NEVES, L. G. S. **Procissão de São Benedito**. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1996.

NEVES, G. S. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

\_\_\_\_\_, G. S. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008. v.2.

NOVAES, M. S. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo. s/d.